

ENGENHO E ARTE EM LUIZ HERMANO

english

As engenhocas de Luiz Hermano são um bom material para reflexão sobre o processo artístico moderno e pós-moderno. São, entretanto, resultado, do processo artístico individual, que se iniciou com o grafismo de seus primeiros desenhos, nos quais se percebia uma mitologia própria, ainda que plasmada a partir da antiga Grécia e de sua rival, Roma. Assim, havia faunos, deuses, humanos, todos misturados em situações insólitas, suspensos em jardins de um universo lúdico e primitivo. Entre deuses e faunos, havia uma fauna de animais bizarros, naves espaciais, caravelas, castelos, faróis. Dessa visão bidimensional de um mundo recriado por Hermano, que o artista tão bem soube retratar em desenhos e gravuras em metal, houve a mudança: o encontro com o tridimensional. As figuras de sua mitologia peculiar agora alcançam o espaço pleno e invadem a nossa concepção de escultura, de objeto, de brinquedo, de indústria, de artesanato e, possivelmente, nos fazem pensar em um retorno à pureza dos objetos, antes da "coisificação" realizada pela pop art, a partir dos anos 60.

Há em sua obra atual uma pergunta implícita: "Será que a humanidade ganhou em civilização depois de tantos progressos?" Há uma ficção científica sem ciência, em seus trabalhos atuais. Diríamos mais: com consciência. Há uma técnica sem tecnologia. Há uma crítica a todas as questões levantadas - não só na arte atual - pela sociedade industrializada e consumista, mas principalmente: "Somos mais felizes?"

Por tudo isso, Luiz Hermano procura dar a sua obra um elemento que vem faltando aos artistas contemporâneos - o lúdico, uma proposta de humor, de amor, que parece estar adormecida no ser da atual humanidade. Se o planeta está condenado à morte pela ambição dos poderosos pelas bombas infalíveis, pelos chips dos supercomputadores, por que não largamos tudo isso e vamos brincar? Suas engenhocas são uma resposta ao consagrado Duchamp e seus readymades: por que não voltamos a fazer à mão nossos próprios objetos? A indústria faz melhor, mas a máquina não consegue emocionar, pois não passa energias, não se comunica de coração a coração. É só ação e cor, mas não é coração. As engenhocas de Luiz Hermano têm apenas a função de emocionar, de tecer amor em nós e de amortecer os impactos violentos de que somos vítimas há milênios. As engenhocas não poluem, não fazem barulho, são silenciosas como a arte verdadeira deve ser, sem perder o caráter lúdico, nem o humor. Não podemos esquecer que arte em grego se dizia *téchne*, infelizmente traduzida para tecnologia e tecnocracia. Luiz Hermano está resgatando a palavra grega em seu sentido literal, com engenho e arte.

Alberto Beuttenmüller

Texto do Catálogo da 21 Bienal Internacional de São Paulo, SP, 1991